

COMUNICAÇÃO SINDICAL



Sintrajufe RS



ENCARTE Boletim do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no RS – Nº 242 – De 15/2 a 1º/3 2007

A fusão da mídia com o Estado e os limites da indústria de manipulação das consciências. A discussão em torno desse tema reuniu aproximadamente 200 pessoas no 12º Curso Anual de Comunicação do Núcleo Piratininga, entidade voltada para o estudo e a construção de uma comunicação de esquerda. A atividade aconteceu de 30/11 a 3/12/06 no Rio de Janeiro, com participação da assessora de Comunicação do Sintrajufe, Rosane Vargas. Os participantes eram jornalistas, professores, estudantes, sindicalistas, militantes do movimento social. Todos preocupados em conhecer a comunicação em suas diversas formas e meios de utilizá-la como ferramenta de transformação. Este encarte traz um resumo das principais palestras.



A homenagem foi um momento de emoção no curso; no detalhe, Vito (sentado) e Raimundo ao lado dos emblemáticos cravos vermelhos

Uma vida dedicada à comunicação de esquerda

O painel foi uma homenagem ao jornalista Raimundo Pereira. Em mais de 50 anos de profissão, ele tem no currículo, entre outros, a criação da revista Reportagem, do lendário jornal Movimento e da coleção Cadernos do Brasil.

Quem prestou a homenagem, Vito Gianotti, coordenador do Núcleo Piratininga (NPC), também se enquadra no título. Italiano que adotou o Brasil, tem como pátria a luta e a esperança de mudanças, sempre. No final do encontro, Vito foi homenageado por sua companheira, a jornalista do NPC Cláudia Santiago, que cantou um dos hinos anarquistas, Bella ciao.

Foram dois momentos de grande emoção na 12ª edição do curso. Tanto Vito quanto Raimundo receberam cravos vermelhos, símbolo da revolução que, em 1974, deu fim à ditadura de mais de 50 anos em Portugal.

Eles não são notícia?

Os veículos de comunicação sindical e popular conseguem ultrapassar a barreira do preconceito? Afora seus temas específicos, são uma alternativa à mídia burguesa na abordagem de assuntos que envolvem setores que parecem invisíveis? É um desafio.

Na grande imprensa, a maioria da população é invisível. Garapirá Pataxó e Tamikuan saíram de suas aldeias e encontraram uma sociedade despreparada para entender o diferente. Eles têm participado de eventos para mostrar sua cultura.

Garapirá disse que o obriga-

ram a usar um nome "de branco", do contrário não era visto como cidadão. Sentia-se desrespeitado. Ele não usa a palavra índio para designar seu povo. "Não somos índios. A palavra não foi criada por nós, somos nativos da terra", explica.

Tamikuan, fez o curso de História

"Temos 506 anos de massacre" e é conhecida por seus amigos da "cidade" como

Marize. Ela faz um trabalho mostrando sua cultura de origem em escolas: "Não temos só 506 anos de história, mas 506 anos de massacre".

Os pobres só são visíveis quando o assunto são tragédias e violência. Leia na página 2.



Garapirá entoia um canto pataxó; ao lado dele, Tamikuan, Cláudia Santiago e Marcelo Freixo; à esquerda, a platéia acompanha de mãos dadas

A pauta que a imprensa popular e sindical precisa

A forma como a violência e a falta de segurança são estampadas diariamente nos grandes veículos de comunicação não levam em consideração as maiores vítimas, os pobres dos grandes centros urbanos. É o que se pode apreender da palestra do pesquisador do Centro de Justiça Global Marcelo Freixo.

A mídia não procura ampliar sua visão dos problemas sociais nem a de seus leitores. Os exemplos são evidentes. Em 2004, houve 17 assassinatos nos bairros de classe média alta Copacabana e Leme, no Rio de Janeiro, sempre com grande repercussão. No mesmo ano e na mesma cidade, nas favelas de Rocha Miranda e Acari, foram 617 as pessoas assassinadas. Quem conhece esses números? Que órgão da imprensa (grande, média, nanica) se preocupa em falar sobre essas pessoas?

O que se vê, ouve e lê, diariamente, trata de crimes envolvendo menores de idade, em absoluta maioria negros, numa clara campanha para a redução da idade penal e modificações no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Outro exemplo: quando a socialite Ana Cristina

Johannpeter foi assassinada, o Jornal do Brasil estampou na capa a foto de um suspeito, menor de idade. E declarou que colocava a foto assim, sem tarja, pois não respeita o ECA. Na noite do assassinato, diz Freixo, três meninos foram assassinados, suspeitos de ter participado do crime.

Alguém viu essa notícia?

“Negar direitos humanos é negar a humanidade, não o direito”, afirma ele. Para o painelistas, a violência tem que deixar de ser debatida sob a ótica da criminalidade. “Violento é tudo que atinge, altera, agride a dignidade de alguém.”

Outro dado preocupante levantado por Freixo: a linha demográfica no Brasil mostra defasagem na população jovem, o que só acontece em países em guerra. No Brasil, vive-se a eliminação da juventude pobre. “Ninguém combate o crime, mas a pobreza; o desafio não é acabar com a pobreza, mas com o pobre”, denuncia o pesquisador.

Onde está a responsabilidade da mídia, da propaganda de uma sociedade que ensina que só vale quem tem as melhores roupas, que só vale quem compra? O grande inimigo, é o que sobrou, o que ficou à margem da sociedade de consumo, conclui Freixo.

“ Não se combate o crime, mas o pobre; não se quer acabar com a pobreza, mas com o pobre ”



São os meios de comunicação onipotentes?

Em 2006, destaca o professor de Comunicação da Universidade de Brasília Venício Lima, a mídia entrou na agenda pública de discussão. Isso é importante, segundo ele, pois a mídia raramente se autodiscute. Coberturas de grandes veículos foram questionadas por outros, favorecendo o debate.

Durante as eleições, o papel da mídia como agente manipulador fica mais evidente. Venício fez algumas observações a respeito, destacando a importância dos observatórios críticos da mídia. Três instituições independentes, entre elas o Datamídia da PUC/RS e o Laboratório de Pesquisas em Comunicação Política e Opinião Pública do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, fizeram uma observação do processo. Chegaram a resultados muito parecidos: a cobertura foi extremamente desequilibrada a favor de Geraldo Alckmin, candidato do PSDB.

Nesse mapeamento, foi obser-

vado que, dos 14 principais colonistas da mídia impressa, 12 eram a favor de Alckmin, um mostrava equilíbrio e um era a favor de Lula. E, na maioria das vezes, essas opiniões não tiveram o reflexo esperado pelos articulistas na sociedade. Houve, se-

“ Há uma organização e mobilização crescentes da sociedade que a mídia ignora ”

gundo Venício, um “descolamento entre colonistas e opinião pública”. Pela crescente falta de credibilidade dos veículos de comunicação, foi quebrada a “blindagem” que os mantinha inquestionáveis. “Há uma organização e mobilização crescentes da sociedade civil que a mídia ignora”, disse o professor. Realista, Venício, não acredita que o aumento de crítica faça com a mídia se modifique. Para ele, cabe à esquerda encontrar outras alternativas.

A fusão da mídia com o Estado

“A indústria de manipulação das consciências é a grande indústria do século XX.” Assim o jornalista e professor da PUC/SP José Arbex Jr. começou sua palestra. Ele afirma que os donos da mídia cumprem um papel de organização, são a “vanguarda ideológica da burguesia”. Em sua explanação, Arbex falou sobre a formação do Estado-nação resultado de um processo histórico, a partir da Revolução Francesa. No Brasil, o processo se deu de maneira diferente, sem um processo de amadurecimento da sociedade civil. Até porque, lembra o jornalista, seria um contra-senso falar em sociedade civil em um país escravista.

Diferentemente da Europa, continua Arbex, aqui a mídia é que forjou uma idéia de nação. A idéia dela a respeito do que somos enquanto nação.



Arbex (esq.) e Hamilton defendem uma nova comunicação

de 1990, a mídia começou com um processo de desgaste do Estado.

Quem não se lembra das constantes reportagens sobre corrupção (e os caçadores de marajás) e inoperância dos serviços públicos? Em resumo, diz Hamilton, a mídia prepara a cabeça das pessoas para a pauta de interesse do capital em determinado momento.

Ele se mostra contrário a uma mudança na grande imprensa, à criação de uma “Rede Globo de esquerda”. “Nosso desafio é a construção de uma sociedade civil brasileira”, diz o jornalista.

Também professor da PUC/SP, Hamilton de Souza constata que o sistema de comunicação montado no Brasil ao longo do século XX foi sendo apropriado pela iniciativa privada. Ele lembra que, na privatização das telecomunicações e na abertura desse mercado para o capital estrangeiro, a partir

Cultura a serviço de um projeto de sociedade

“Para se conhecer uma sociedade, é preciso observar três coisas: como se trabalha, como se ama e como se morre nela.” Foi assim, parafraseando Albert Camus, que o coordenador nacional de Formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) Ademar Bogo, começou sua palestra. Da observação daqueles três itens na sociedade atual, ele conclui que o capitalismo “só irá destruir o que foi construído pela humanidade”. Para Bogo, é preciso um outro projeto para transformar a sociedade e a participação da maioria das pessoas, que estão dispersas.

Se o governo se afasta dos movimentos sociais, há uma lacuna entre o que o Estado faz e o que o povo quer. Levando isso em conta, o projeto do MST tem três pontos. Primeiro, juntar propostas, formular o que se quer e analisar como se organizar para chegar a esse objetivo. Segundo Bogo, nos últimos anos os movimentos perderam a força de articular-se entre si. Por isso, o segundo ponto é estabelecer a força da organização. O último é a criação de um projeto de cultura revolucionário. “É importante lembrar o que Fidel já disse, que a revolução é filha das idéias e da cultura.” Com o projeto, o objetivo final é que “a luta se transforme em cultura”.

A professora de História da Universidade Federal da Bahia Adelaide Guimarães iniciou sua explanação dizendo que é preciso entender “a coisa política como a possibilidade de participação dos movimentos”. E o MST entende e pratica.

“O MST tem um projeto de classe e isso é insuportável para as elites”

Uma das maiores crises que a classe trabalhadora pode atravessar, na opinião da professora, é a da perda da memória, a incapacidade de fazer nexos com o passado e a história. Esse processo é nefasto e resulta na perda, por parte dos trabalhadores, de suas referências, desde a rica fase de lutas do movimento operário do século XVIII.

Os trabalhadores, incita Adelaide, têm que recuperar sua história e consciência de protagonistas. “Não podemos delegar aos processos conspurcados de democracia a realização de nossos projetos”, afirma. O MST é um projeto de cultura de classe e, como tal, um projeto insuportável para as elites, conclui a professora.

Várias leis têm como objetivo proteger a propriedade e o capital. A forma de se proteger das leis injustas, na opinião de Bogo, é transformar em cultura a desobediência civil. Para Bogo, não se pode perder a visão do que seja classe social. E as mudanças só acontecerão, diz, quando a prática política for prazerosa, atrair as pessoas.

Se o governo se afasta, há uma lacuna entre o que ele faz e o que o povo quer

“A prática política tem que ser prazerosa para atrair as pessoas”



Alves (esq.) e Almeida: os sindicatos deveriam investir no audiovisual

Cinema e transformação social

Ver, sentir e entender o cinema é a proposta do projeto Tela Crítica, desenvolvido pelo professor de Sociologia da Unesp (Marília/SP) Giovanni Alves. A idéia é, a partir do filme, “propiciar um campo para a análise crítica sobre a civilização do capital”,

O cinema é um dos veículos de divulgação ideológica do século XX

explica ele. O professor afirma que os filmes comerciais, os chamados blockbusters, tentam travar a capacidade de reflexão do espectador. E essa capacidade, diz ele, é o que é próprio do humano, que permite até a modificação da natureza.

A sociedade do século XXI é imagética e o cinema, um dos grandes veículos de divulgação ideológica. A proposta, então, é desvelar o véu da exploração subjacente nas produções sobre o mundo do trabalho, é “apropriar-se do que a civilização do capital produz, desmontá-la e fazer a crítica”. Alves já produziu vários DVDs em que faz essa desmontagem e remontagem reflexiva de filmes. Outras informações sobre o projeto estão em www.telacritica.org.br.

O diretor de cinema Beto Almeida afirma que é preciso contar as histórias para que não se perca a memória. Por isso é importante produzir material pedagógico para distribuir em escolas, sindicatos, ONGs, instituições públicas. Para o diretor, é preciso investir na imagem como um momento de reflexão, não só como distração e entretenimento.

Para Alves, os sindicatos poderiam ter um papel importante, mas vêm formação como gasto, não como investimento. De uma forma geral, afirma, “a esquerda brasileira não sabe comunicar”.



Cultura midiática e poder mundial

A relação da mídia com o modo de produção capitalista foi a tônica da palestra do professor da



Universidade Federal Fluminense, pesquisador e escritor Dênis de Moraes. Ele afirmou que, assim como o capitalismo, a mídia se retroalimenta e se recicla, tendo como "formidável" aliado as novas tecnologias.

Para o professor, a mídia tem um duplo papel: é o agente ideológico que contribui para a hegemonia do discurso neoliberal, e é também um poderoso agente econômico. Tanto que há 20 corporações de mídia entre as 300 maiores corporações não financeiras do mundo.

"Eles detêm os meios, os aparatos, os dispositivos, todos digitais, e também têm capacidade de elaborar um discurso", afirma.

A mídia atua em duas frentes, a ideológica e a econômica

Moraes diz que o momento atual é "bastante adverso" para a democracia na comunicação. Isso porque as grandes empresas conseguem atuar em todos os segmentos do mercado de comunicação e entretenimento. Há multiplicação da oferta de produtos na área, grande produção, por conta da digitalização, que barateia processos. Por outro lado, a concentração é cada vez maior nos meios de distribuição. Moraes dá um exemplo: em cinco anos, as editoras nacionais terão apenas 5%

do mercado. A concentração não se dá apenas no plano patrimonial, mas também no de conteúdo.

Se há saída? Moraes afirma que há um espaço de lutas progressivo, num ritmo lento. E insiste: "Certas coisas não podemos deixar para depois, uma delas é lutar".

Para onde vai a TV digital no Brasil?



Dantas e Gindre acompanham o processo de desenvolvimento de ciência e tecnologia, interatividade e disponibilização de mais canais. Segundo ele, não atende a nenhum dos três.

O professor Marcos Dantas não se mostra tão pessimista. Para ele, o processo não terminou; pelo contrário, está começando. Dantas afirma que existem interesses contraditórios e espera que a sociedade se mobilize a favor de regras democráticas para a implantação do modelo de TV digital.

O professor de Comunicação e diretor do Instituto Nacional de Desenvolvimento Social e Cultural, Gustavo Gindre, não se mostra otimista ao responder. O decreto que criou a TV digital, na opinião do professor, deveria atender a três pressupostos: desen-

Marx, Lênin, Gramsci e o papel da mídia hoje

Participaram desta mesa de debate a professora de História da Universidade Federal Fluminense Virgínia Fontes e o jornalista, editor da revista Debate Sindical, Altamiro Borges. Virgínia falou rapidamente sobre os três pensadores e militantes comunistas e o trabalho deles de divulgação do pensamento de esquerda em jornais. O central de sua explanação foi o aprendizado que se pode tirar desse trabalho. A professora ressalta que a comunicação não pode ser entendida como um objetivo em si; ela tem como objetivo a socialização da vida. "Para esses revolucionários", afirma, "a comunicação fazia parte do cotidiano de suas reflexões".

Para Marx, Lênin e Gramsci, o principal é a compreensão do mundo real. Virgínia observa que há momentos em que é difícil fazer

"Nosso trabalho é desconstruir a imprensa burguesa"

uma análise concreta da realidade. Quando isso acontece, completa, basta lembrar que vivemos em uma sociedade de classes, em que o eixo é a exploração de classes. Desde o final do século XX, algumas linhas de pensamentos dizem que a luta de classes acabou. Qual seria o "mundo real"? "Quando não consegui-

mos ver a dominação, é só olhar para a exploração", sugere.

Na opinião de Virgínia, comunicar e explicar é organizar o mundo de uma certa forma. A pauta de quem domina é negar a existência da classe, da exploração. Os trabalhadores, afirma, têm que ter uma visão de mundo pautada não na ne-

"A comunicação tem o objetivo de socialização da vida"

gação, mas no fim da exploração de classe.

O jornalista Altamiro Borges falou sobre os jornais operários, principalmente em seus primórdios. Lembrou os primeiros jornais anarquistas no Brasil, muitos ainda escritos na língua materna desses operários, na maioria, italianos. Falando sobre a preocupação de Lênin com a comunicação, Altamiro disse que a comunicação de esquerda deve levar em conta uma boa pauta, profundidade do tema e terceiro a linguagem.

O objetivo da mídia é sedimentar consensos, diz Altamiro. "Nosso trabalho é construir contra-hegemonias capazes de desconstruir a imprensa burguesa e criar alternativas", afirma. Dessa forma, ele lança um grande desafio para os movimentos social e sindical.



Altamiro e Virgínia: comunicar para mobilizar e transformar